

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica

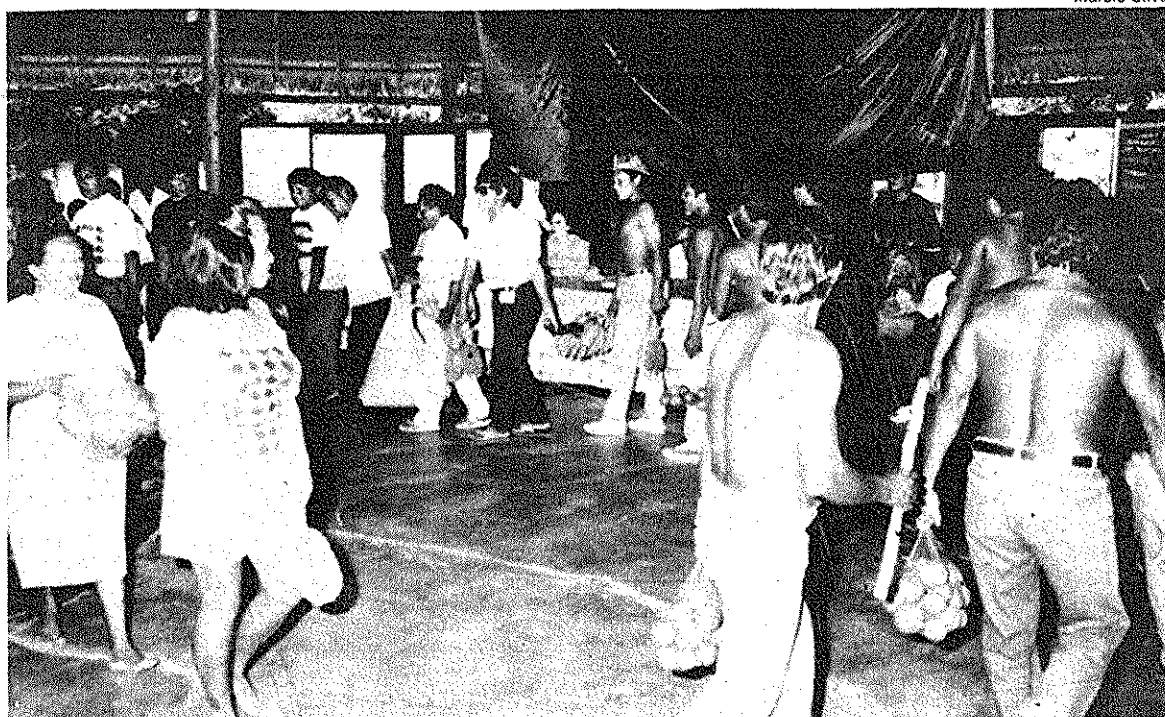
Class.: 199

Data: 10/05/94

Pg.: _____

Índio revela que droga da Colômbia passa por Lábrea

Márcio Silva



Índios reunidos ontem no Parque Municipal do Mindu, no Parque 10 de Novembro

Diariamente 10 aviões monomotores ou bimotores aterrisam numa pista de pouso clandestina próxima à comunidade Ouro Verde (município de Lábrea), habitada por índios apurinãs. Os aviões estariam trazendo cocaína da Colômbia para ser distribuída em Lábrea (AM) e Rio Branco (AC), rota da chamada "conexão amazônica", já conhecida pela Polícia Militar. O cacique apurinã Diogo Matias de Souza chegou a passar dois dias na cadeia acusado de participar da distribuição da droga.

Revoltado com essa situação, o índio pediu ontem, durante a IV Assembléia dos Povos e Organizações Indígenas da Amazonas Brasileira, que as autoridades tomem providências no sentido de acabar com as pistas de pouso e afastar os narcotraficantes da área. "Temo pela segurança dos índios que habitam a área porque os traficantes vivem com armas de grande porte e nós não temos com o que nos defender", desabafou o cacique.

Diogo de Souza confirmou que alguns índios chegaram a participar do trabalho de distribuição da droga porque foram pressionados pelos narcotraficantes. Informou, no entanto, que eles já foram detectados e se afastaram do "negócio", a seu pedido. "A Polícia Federal já está sabendo da existência da pista clandestina e até agora a única coisa que fez foi pedir que nós não destruíssemos o local. Eles querem flagrar os narcotraficantes. Acontece que quando os aviões aterrisam nunca tem policial na área e nós é que ficamos sujeitos a qualquer tipo de violência por parte dos traficantes. Não podemos mais suportar essa situação. Queremos providências urgentes", revelou o cacique Diogo de Souza.

O cacique apurinã disse ainda que a Polícia Federal, para prender os narcotraficantes, tem que fazer vigília — aviões não têm horário para aterrisar. "Não sei porque ainda não pegaram esses traficantes.

Acho que existem policiais que participam da conexão. Precisamos de ajuda do governo federal para acabar com esse perigo que ronda a nossa comunidade", destacou Diogo de Souza.

Máfia — O índio Jacinto de Almeida, conhecido como Marcelino Apurinã, coordena os indígenas do Médio Purus. Ele já esteve em Brasília para expor o problema que os índios enfrentam na região e, inclusive, citou a questão do narcotráfico. Disse que a luta dos apurinãs é pela paz das comunidades. "Não queremos que ninguém fale que usamos a terra para traficar drogas", afirmou.

Marcelino Apurinã lembra que há cerca de 10 anos a máfia da droga impera na área, mas o fato só foi constatado há cerca de quatro anos. "Queremos que a polícia resolva essa questão. As nossas comunidades vivem ameaçadas. Isso não pode continuar", garantiu Apurinã.

Organização quer impedir garimpagem

Ainda existem balsas de garimpeiros na área de São Gabriel da Cachoeira, onde a justiça amazonense ordenou o fim da garimpagem para evitar prejuízos às comunidades indígenas. É o que garante o índio baré Braz de Oliveira França, da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn). Ele revelou que os garimpeiros, unidos através de uma cooperativa, tentam voltar para a área, mas adverte que índios não vão permitir. "Eram mais de 800 balsas, com oito pessoas cada, jogando detritos e mercúrio no rio que serve às comunidades.

Entre São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel circulavam mais de 10 mil pessoas. Esse caos não pode voltar para a nossa área", disse Braz França.

Preocupado com a situação, Braz França cita como principal motivo para a proibição da garimpagem em São Gabriel da Cachoeira a questão ambiental. Conforme ele, o impacto ambiental e ecológico seria muito grande na região e traria consequências desastrosas, principalmente para os povos indígenas. "Existe um outro garimpo no Parque Nacional do Pico da Neblina e isso a Polícia Federal já

está sabendo. Porém a nossa briga é com o garimpo no leito do rio. Como atualmente só existem duas ou três balsas garimpando, não iremos brigar. Porém se esses garimpeiros voltarem para a região iremos comprar a briga porque estaremos lutando em defesa do nosso povo. Para se ter idéia entre os municípios de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro habitam 2.800 pessoas, das quais 5% brancos. Toda essa população pode acabar prejudicada por causa de uma atividade ilegal que só polui os rios", destacou França.